

# Manuel Bandeira

## Desesperança

—

Esta manhã tem a tristeza de um crepúsculo.  
Como dói um pesar em cada pensamento!  
Ah, que penosa lassidão em cada músculo...  
O silêncio é tão largo, é tão longo, é tão lento  
Que dá medo... O ar, parado, incomoda, angustia...  
Dir-se-ia que anda no ar um mau pressentimento.  
Assim deverá ser a natureza um dia,  
Quando a vida acabar e, astro apagado, a Terra  
Rodar sobre si mesma estéril e vazia.  
O demônio sutil das nevroses enterra  
A sua agulha de aço em meu crânio doído.  
Ouço a morte chamar-me e esse apelo me aterra...  
Minha respiração se faz como um gemido.  
Já não entendo a vida, e se mais a aprofundo,  
Mais a descompreendo e não lhe acho sentido.  
Por onde alongue o meu olhar de moribundo,  
Tudo a meus olhos toma um doloroso aspeto:  
E erro assim repellido e estrangeiro no mundo.  
Vejo nele a feição fria de um desafeto.  
Temo a monotonia e apreendo a mudança.  
Sinto que a minha vida é sem fim, sem objeto...  
— Ah, como dói viver quando falta a esperança!

**Manuel Bandeira, A cinza das horas**

**Sobre Manuel Bandeira e “Desesperança”**

“Desesperança” é um poema de Manuel Bandeira escrito em 1912. Foi publicado em *A Cinza das Horas*, seu livro de estreia. Nele, o poeta descreve o peso da melancolia e o pressentimento da morte. As imagens vão do crânio doído à Terra girando estéril no espaço.

## **Manuel Bandeira: o poeta da dor e da leveza**

Manuel Bandeira nasceu em Recife, em 1886. Foi um dos maiores poetas brasileiros do século XX. Diagnosticado com tuberculose ainda jovem, conviveu por décadas com a perspectiva da morte. Isso marcou profundamente sua poesia. *A Cinza das Horas* reflete esse período de reclusão e angústia. Mais tarde, Bandeira se tornaria um dos pioneiros do Modernismo brasileiro.

### **“Desesperança”: a dor de viver sem sentido**

No poema, o eu lírico acorda com a sensação de que o mundo perdeu o sentido. A manhã parece um crepúsculo. O silêncio oprime. A morte chama. O verso final resume o tema central: a existência como fardo quando a esperança desaparece.